



## **O fenômeno migratório e os desafios para o diálogo intercultural: da intolerância à integração**

*Davi Mendes Caixeta\**  
*Fabio Raul Solti\*\**

### **Resumo**

O fenômeno migratório tem aumentado consideravelmente em diversas partes do mundo. Uma grande quantidade de pessoas são obrigadas, por situações de guerra, miséria, perseguições, autoritarismo etc., a sair de seus lugares de nascimento e buscar outras terras para garantir a sobrevivência. Pensa-se, por exemplo, na situação da população síria, que tem imigrado para países na Ásia, na Europa, na América. Também no caso de venezuelanos, que buscam melhores condições de vida em outros lugares da América Latina. Esses e tantos outros fenômenos migratórios têm provocado consideráveis transformações socioculturais e, de alguma maneira, mudanças na vivência da religiosidade. Quando as pessoas em situação de deslocamento buscam outros lugares, levam consigo seus costumes e, inclusive, suas crenças, suas religiões. Esse fenômeno pode acarretar sérios conflitos sociais, discriminação, intolerância, xenofobia, fundamentalismo religioso, consequências do choque cultural. Para evitar esses conflitos, requer-se, nos lugares que acolhem populações migratórias, que haja abertura para o diálogo intercultural e inter-religioso. Dessa forma, este estudo visa à contextualização da situação migratória no mundo atual e as consequências disso para o diálogo intercultural. Para tanto, foca-se na realidade da América Latina e os principais fenômenos migratórios que têm acontecido neste início de século, para pontuar alguns problemas sociais, como intolerância e discriminação, que suscitam tais movimentos. A metodologia utilizada será um levantamento bibliográfico e estatístico da realidade migratória no mundo e na América Latina, feito pelas principais organizações internacionais, com destaque para os desafios sociais decorrentes de fenômenos migratórios. Após essa contextualização, serão considerados alguns discursos da Igreja, em especial a postura do Papa Francisco, que convidam a comunidade de fé para acolher, proteger, promover e integrar o outro. Também serão pesquisados alguns autores que têm refletido sobre os desafios para o diálogo intercultural ocasionado pelas migrações, no sentido de suscitar a abertura para acolher o outro, a cultura do encontro, a integração intercultural.

**Palavras-chave:** migrações, diálogo intercultural, intolerância, integração.

### **Introdução**

Qual a importância do fenômeno migratório, na atualidade, para o diálogo intercultural? Vivemos num mundo em que milhares de pessoas são praticamente obrigadas a

---

\* Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Graduando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC-FAJE 2018/2019. E-mail: davicaixeta@gmail.com

\*\* Bacharelado em Medicina pela Universidad Nacional de Cuyo. Graduando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC-FAJE 2018/2019. E-mail: fabioraulsolti@gmail.com



sair de seus lugares de origem, para buscar oportunidades de sobrevivência em outros países. Certamente, essas pessoas, ao ir de uma terra para outra, carregam sua cultura, sua compreensão de mundo, sua história. Esses elementos não podem ser ignorados quando se pensa nos desafios e oportunidades que os novos sujeitos colocam para construção do diálogo intercultural.

No presente trabalho, pretendemos refletir sobre a relação entre os fenômeno migratório, mais precisamente a problemática das migrações forçadas, e o diálogo intercultural. Nesse sentido, contextualizamos as migrações como um fenômeno que tem ganhado cada vez mais visibilidade. Em seguida, consideramos como, em diversas ocasiões, a presença de migrantes, ao invés de fomentar o diálogo, ocasionam choques e violência, como se pode observar nos discursos de xenofobia e intolerância. Diante disso, consideramos o papel da pastoral migratória com a missão de suscitar o encontro com o novo, como possibilidade de acolher, proteger, promover e integrar.

### **A realidade migratória e seu impacto no diálogo intercultural**

A migração não é um fenômeno que acontece nas diversas sociedades humanas apenas recentemente. No decorrer da história da humanidade, os deslocamentos de grupos de pessoas, seja dentro de uma mesma região, bem como as mudanças de um continente para outro, têm ocorrido com certa frequência. No entanto, atualmente determinadas situações de migração têm ganhado bastante relevância, seja pela quantidade de pessoas que, pelas mais variadas causas, buscam outro lugar para viver, seja pela repercussão dessas migrações. Pensa-se nas políticas públicas de diversos países que têm sido impactadas por contingentes populacionais que chegam ou que saem dos países, muitos desses casos são noticiados pelas mídias e pelas redes sociais. A temática migratória tem se apresentado de forma tão intensa nos últimos anos, que alguns estudiosos têm cunhado o termo “sociedade migracionalizada”, para ressaltar as crises sociais decorrentes das migrações, também para argumentar como o mundo se encontra na “era das migrações” (SOARES, 2012, p. 32).

Dessa maneira, com a chegada de novos sujeitos, de novos interlocutores, num determinado contexto social, essas novas pessoas colaboram como partes do diálogo intercultural, manifestando suas opiniões, sendo acolhidos ou rejeitados. Além disso, a presença de migrantes também provoca o diálogo intercultural, tematizando os discursos a



respeito dos problemas sociais que ocasionam as migrações, as violações de direitos humanos, as calamidades socioambientais, entre outras temáticas. Para perceber em que sentido as migrações colaboram com o diálogo intercultural, perguntamos, primeiramente, quem são esses sujeitos que se colocam numa nova realidade. Quem são esses migrantes? De maneira mais específica, que tipo de migrantes queremos ressaltar, no presente estudo, para refletir sobre a maneira como essa situação impacta no diálogo intercultural?

Entendemos que o fenômeno migratório é algo complexo, isto é, com a expressão migrações busca-se significar uma pluralidade de situações, em diferentes circunstâncias, que levam algumas pessoas a sair de seus lugares de origem, para ir a outra região. Esses migrantes podem ser referidos como as pessoas que buscam outro lugar para viver dentro do próprio país (migrações internas), como também pessoas que saem de seus países de origem para ir a outros países, às vezes, em outro continente (migrações externas). Pensa-se ainda na grande heterogeneidade do universo migratório: origem geográfica, diversidade cultural e religiosa, gênero, idade, nível de instrução, os percursos que são traçados pelos fluxos migratórios.

Há diversas teorias que buscam entender porque as pessoas migram: pela desigualdade socioeconômica, porque alguns lugares se colocam em dependência de outros, pela busca por melhores oportunidades de trabalho, pela influência sociocultural, pela globalização, também por causa de crises sociopolíticas, como conflitos armados, por causa de catástrofes ambientais etc. No entanto, a diversidade do fenômeno migratório, relacionada com as teorias sobre migração, gera um caleidoscópio, que torna a migração contemporânea impossível de ser enquadrada em rígidas categorias (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 32).

O aumento da quantidade de migrantes, internos e externos, em todo o mundo, colabora ainda mais para mostrar a complexidade desse fenômeno:

A crescente amplitude numérica do fenômeno migratório abarca também uma acentuada diversificação e complexidade. As imagens, por vezes tipificadas, dos migrantes pobres, que saem de sua terra em busca de melhores condições de vida, não permitem representar a complexidade das migrações internacionais contemporâneas. Não é por acaso que, até hoje, nenhuma das tradicionais teorias migratórias tenha conseguido explicar exhaustivamente o fenômeno, sendo cada vez mais comum optar por análises interdisciplinares e de “médio alcance” a fim de detectar “as regularidades e as variações de uma série de processos migratórios dentro de uma constelação histórica socioeconômica determinada. (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 30)

Diante de um universo vasto, para a finalidade do presente estudo, especificamos um tipo de migração, intrinsecamente imbrincada com a exclusão social, com as crises



sociopolíticas e econômicas, com a violação de direitos, que são as migrações forçadas. Para pensar o tema do diálogo intercultural, priorizamos as situações de deslocamentos involuntários de pessoas provocados por fenômenos que escapam ao controle dos migrantes e que os forçam a sair de seus lugares de origem. A Associação Internacional para o Estudo da Migração Forçada define esse fenômeno como: “um termo geral que se refere aos movimentos de refugiados e de pessoas internamente deslocadas (aqueles deslocados por conflitos), assim como as pessoas por desastres naturais ou ambientais, desastres químicos ou nucleares ou projetos de desenvolvimento” (SOARES, 2012, p. 43).

A situação de migrantes forçados, em muitos casos, está associada à violência generalizada, conflitos armados, perseguições políticas, violação de direitos humanos. Dentre essas pessoas que padecem de tais situações, mencionamos as pessoas deslocadas internamente, os refugiados e os solicitantes de asilo. De acordo com o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, em 2017, havia cerca de 65,6 milhões de pessoas deslocadas forçadamente, por causa de perseguição, conflitos, violência e violação de direitos humanos. Deste número, 40,3 milhões eram pessoas em situação de deslocamento interno, 22,5 milhões de pessoas em situação de refugio (ACNUR, 2017, p. 2).

Por causa das perseguições políticas, conflitos e das violações de direitos, chama a atenção a questão dos refugiados. Pela definição da Convenção de Genebra de 1951, por refugiado é compreendida toda pessoa que teme ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país (ONU, 1951, art. 1º). Importante mencionar como, na atualidade, constituiu-se “um direito subjetivo de pedir refúgio e de ser reconhecido como refugiado pelo Estado, portanto de beneficiar-se do asilo em sentido amplo” (GODOY, 2017, p. 82).

Além desses, como migrantes forçados, também há a situação de apátridas, isto é, “toda pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional” (ONU, 1954, art. 1º). Pensa-se nas medidas de desnacionalização, que resignam determinados grupos sociais numa situação jurídica de extrema exclusão, sem a tutela por parte qualquer Estado. Não se pode deixar de mencionar o problema do tráfico de pessoas, o recrutamento e o deslocamento de pessoas, mediante meios ilícitos, com vistas à



exploração. “Tal prática implica a reificação e mercantilização do ser humano, constituindo uma das mais graves violações da dignidade humana” (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 32).

Mesmo que a maior quantidade de casos de migrações forçadas estejam concentrados em alguns lugares da Ásia, como a Síria e o Afeganistão, e da África, como o Sudão do Sul, as migrações e os refúgios também têm impactado a América Latina, inclusive o Brasil. No continente americano, os principais fluxos migratórios são na região da América Central e do México, o fluxo de venezuelanos entre as fronteiras venezuelana, colombiana e brasileira, o fluxo de haitianos para República Dominicana e América do Sul. Também se podem mencionar outros fluxos migratórios entre Peru e Bolívia, para regiões do Chile e da Argentina. Nos últimos meses, tem ganhado grande visibilidade a situação da Venezuela, por causa da crise político-econômica, milhares de venezuelanos têm empreendido um verdadeiro êxodo, migrando para a Colômbia, Panamá, Estados Unidos, Brasil, buscando condições mínimas para a sobrevivência.

A presença dessas pessoas, migrantes que são obrigadas a sair de seus lugares de origem, para buscar a sobrevivência em outro, influi no diálogo intercultural de diversas formas. Migrações ocasionadas por oportunidades de educação e crescimento econômico repercutem de uma maneira, muitas vezes, bastante diferente do que as migrações forçadas, que revelam fluxos sociais consideráveis, de uma população que sofre pungentemente com a violência e perseguições, além da situação de pobreza.

Por isso, o impacto de migrações forçadas numa sociedade, num cenário mais otimista, provoca comoção social e solidariedade. Porém, não podemos fechar os olhos para os desafios ocasionados pelos fluxos migratórios, as resistências aos migrantes, as políticas de securitização, a criminalização da migração, a xenofobia, outras formas de intolerância. Muitas pessoas que fogem em busca de sobrevivência, quando chegam a determinadas regiões, acabam encontrando ainda mais exclusão e violência. Por isso, desejamos considerar em que sentido o fenômeno migratório provoca, por um lado, desafios e dificuldades e, por outro, possibilidades de integração.

### **Alguns desafios ao diálogo intercultural que surgem da realidade migratória: intolerância e xenofobia**

Os fluxos migratórios de pessoas que buscam a sobrevivência em outras regiões ou outros países, infelizmente, costumam vir acompanhado de grande resistência por diversos





grupos sociais. Ao invés da acolhida, pessoas que já sofrem com perseguições ou conflitos, por exemplo, são recebidas com desconfiança, com discursos de ódio, com políticas que visam o fechamento de fronteiras, com atitudes que impedem a construção de um diálogo.

Quando observamos um mundo em que vigora o império do capitalismo, em que os recursos, o capital e as mercadorias são colocados num mercado global, essa proposta de intercâmbio não se aplica às pessoas em situação de migrações forçadas. Muitos países, defendem uma economia liberal, promovem o fim das fronteiras e dos muros, em vista do crescimento econômico, do aumento das relações comerciais, de um suposto desenvolvimento do país. No entanto, esses mesmos países, quando se deparam com a chegada de refugiados, atuam no sentido de reforçar as barreiras para impedir a entrada de migrantes, pois a presença dessas pessoas não é tolerada como a entrada de capital e mercadorias (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 27). Essa contradição apenas mostra como a ideia de uma “aldeia global” é bastante limitada e, em certo sentido, direcionada apenas para o intercâmbio comercial.

A implementação de políticas neoliberais vem encoberta por uma retórica do “choque de civilizações” ou da “crise migratória” (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 33). Fala-se de uma crise das políticas de integração de migrantes, em que a presença de estrangeiros, em especial daqueles mais empobrecidos e em situação de maior exclusão, é colocada como “bode expiatório”, para justificar crises econômicas, desemprego, precariedade de políticas públicas. Muitos países que tinham uma política de inclusão, com um forte discurso defensor do multiculturalismo, como França e Alemanha, acabaram decretando o fim desse modelo, situação relacionada à crise do paradigma do *welfare state*.

Além disso, muitos países de acolhida de migrantes não conseguem implementar uma política eficaz de integração da nova população. Muitas vezes, os recém-chegados são considerados apenas como força de trabalho. Um exemplo disso está relacionado às oportunidades de emprego, em que determinados tipos de trabalho, como operário na construção civil ou faxineiro, acabam sendo associados a estrangeiros, pessoas que são vistas como força de trabalho para atividades consideradas “menos nobres”. Outras vezes, num cenário ainda mais complicado, a presença de migrantes vem acompanhada de discursos que os colocam como uma ameaça aos nacionais. Pensa-se na situação que vem acontecendo no



norte do Brasil, em que a chegada de venezuelanos está associada ao crescimento de epidemias, como forma de invisibilizar os problemas sociais já existentes da saúde pública.

Dessa forma, o fechamento de fronteiras, a implementação de políticas de securitização, a precariedade de políticas de integração, juntamente com o fomento de discursos contra o estrangeiro, representam um terreno fértil para o crescimento do discurso de ódio, da xenofobia, para a rejeição àquele que vem de outro lugar. Quando migrantes em um país não são reconhecidos com a mesma dignidade do que os nacionais, eles acabam sendo relegados às situações que acabam por reforçar a exclusão social, provocando a intolerância de um grupo, normalmente os nacionais, com relação a outro, os migrantes.

A problemática relacionada à xenofobia, como o rechaço ao estrangeiro, não é algo que tem acontecido somente na atualidade. Tendo em vista que o fenômeno migratório pode ser identificado em diversos momentos da história humana, a questão da aversão ao outro que vem de fora também adquire configurações próprias em cada contexto histórico. As atitudes xenofóbicas e racistas, de alguma forma, são tão velhas quanto a humanidade, mas na contemporaneidade, esse tipo de exclusão pode ser associado e avaliado desde a perspectiva de outra realidade social, que é o compromisso com o respeito à dignidade humana (CORTINA, 2017, p. 18). A busca pela afirmação do respeito e da tolerância ao outro, pelo crescimento da consciência sobre a dignidade humana, pela efetivação dos direitos humanos a todas as pessoas, paradoxalmente, vem associada à xenofobia, ao rechaço ao outro, o que coloca a intolerância ao outro, na atualidade, em uma situação bastante específica.

Em algumas situações, o discurso contra a presença de estrangeiros ganha tamanha repercussão que até os grupos e instituições que trabalham com a acolhida de migrantes sofrem rechaço. “Há contextos em que a rejeição da imigração chega a ponto de criminalizar até aqueles que, de alguma forma, socorrem ou amparam os corpos sofredores dos migrantes” (MILESI, MARINUCCI, 2017, p. 34). Fala-se de uma “criminalização da solidariedade”, quando as instituições que auxiliam migrantes são vistas como uma espécie de convivência com os problemas sociais, supostamente e falaciosamente causados pelos fluxos migratórios.

Ao estudar os fenômenos migratórios, de maneira especial o contexto de refugiados políticos e imigrantes pobres, Cortina observa como esses grupos são relegados à invisibilidade social, como acontece com a população de rua. Quem incomoda é o pobre, o *áporos*, não necessariamente o fato de alguém ser de outro país. Na realidade, o medo do



pobre leva ao rechaço contra as pessoas, às raças e àquelas etnias que não têm recursos. Diante disso, ela afirma que: “o problema não é então de raça, de etnia, nem tampouco de ser estrangeiro. O problema é de pobreza. E o mais sensível, nesse caso, é que existem muitos racistas e xenófobos, mas aporófobos, quase todos” (CORTINA, 2017, p. 21, tradução nossa).

Esse medo do migrante, o ódio contra o estrangeiro, o racismo, discursos associados aos problemas de exclusão social, acabam por se colocar como um grande desafio ao diálogo intercultural. Quando os grupos em situação de migração forçada são alienados, qualquer forma de diálogo e intercâmbio de saberes e de experiências fica prejudicado. A sociedade, mergulhada no ódio da xenofobia e da aporofobia, torna-se intolerante não somente para acolher o outro, mas para qualquer tipo de encontro com o outro que vem de outro lugar.

Para fomentar uma cultura do diálogo entre os diversos grupos sociais, primeiramente, é preciso superar a barreira da intolerância e da xenofobia. Pensa-se na importância de políticas públicas integracionistas eficazes, que busquem inserir o outro em determinado contexto social, sem comprometer a identidade daquele que acolhe nem daquele que é acolhido. Essa integração de migrantes num novo contexto, como forma de se opor a todo tipo de intolerância, somente pode acontecer por uma mudança de mentalidade, pela reafirmação absoluta da dignidade humana, pelo respeito ao outro, que começa pelo encontro.

### **A integração de migrantes e o discurso da Igreja: pastoral como uma contribuição ao diálogo e ao encontro com o outro**

Como podemos vislumbrar, a situação do fenômeno migratório tem uma complexidade ampla e abrangente. Esta complexidade exige um *aggiornamento* diligente da pastoral como resposta a estes sinais dos tempos, para poder atingir do modo mais cristãmente possível este fenômeno de urgência mundial.

O que se suscita em relação a esta situação é a pergunta a respeito da ação que poderia realizar a pastoral migratória frente a uma realidade que parece inabarcável (e de fato o é). Por conseguinte, essa realidade pode resultar numa falta de práxis pela paralisação, diante desta emergência, ou pode nos levar a um encontro com o outro.

O Papa Francisco, em sua mensagem para o dia mundial do migrante e do refugiado, em 14 de janeiro de 2018, falou de quatro verbos que podem nos ajudar a vislumbrar uma tentativa de resposta para com os refugiados: “acolher, proteger, promover e integrar”.





## **Acolher e proteger**

A respeito do verbo acolher, no Brasil, dentro da Igreja católica, os que mais experiência têm sobre como abordar esta problemática migratória são os padres e as irmãs da congregação scalabriniana. Eles vêm trabalhando desde a década de 1970 numa perspectiva de acolhida integral, também têm acompanhado os migrantes, assessorando-os desde o ponto de vista legal. O fato de os scalabrinianos serem pioneiros na acolhida migratória desde antanho, originou, no Brasil, o pensamento em relação à pastoral migratória dentro de um marco pastoral nacional (LUSI, 2018, p.13).

A possibilidade de acolhida é o primeiro passo: fazer ponte para oferecer ao refugiado as possibilidades iniciais de um alojamento adequado e descente. Isso insere-os, desde o ponto de vista legal, dentro do país de acolhida (FRANCISCO, 2018). Mas nesta acolhida, terminaria a tarefa de uma pastoral para o migrante? Esta pergunta emerge porque acreditamos que fazer frente à urgência não exaure as possibilidades de acolhida. Além da alimentação, alojamento ou encaminhamento para algum trabalho, coisas que são muito importantes e essenciais na acolhida inicial, é preciso outro tipo de práxis que nos envolva com respeito às pessoas.

Nós sabemos que o urgente é importante, mas não pode ficar e se confundir com a cultura do imediato. O imediato é o rápido, o “todo já”, o câmbio e a mudança de pessoas como mercadorias. Porém, a cultura da pastoral migratória tem que estar misturada com a cultura evangélica do encontro. Além do urgente, temos que investir tempo com aquele que chega, com aquele que se encontra no meio do caminho como o samaritano da parábola lucana (cf. Lc 10,25-37).

Nessa parábola fica muito claro que não podemos dar de comer ao outro e seguir o nosso caminho. O imediato é o mais fácil: é dar de comer àquele que nos cruza o caminho e seguir adiante. Mas o samaritano se envolve na vida daquele homem, o “carrega” e o leva até um outro que pode continuar a missão. O Samaritano sabe que ele sozinho não vai chegar muito longe. Ele não apela a uma ajuda narcisista desde o individualismo, sabe que outros também podem contribuir com aquilo que tem e podem. Por isso, podemos ler esta parábola como um apelo para trabalhar com outros.

Assim, como o samaritano que carrega e leva o outro até um lugar onde se pode atender melhor a pessoa ferida, é um imperativo na pastoral migratória aprender a fazer



pontes com instituições que possam oferecer uma ajuda maior e de peso nessa realidade. Precisamos tecer redes locais como na paróquia, também na diocese, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Conselho Nacional de Imigração, até no nível internacional, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Esta retroalimentação entre instituições novas e de longa data vai enriquecendo a experiência de diálogo e a práxis de uns e outros para e com os migrantes. O trabalho em rede oferece uma ajuda digna, ampla e coordenada, para tornar realidade o verbo acolher. Este acolher amplo é proteger.

### **Promover e integrar**

A Igreja é e deve ser um espaço inclusivo por excelência. Nela, como nos lembra João Paulo II, ninguém é estrangeiro. Nesse sentido, a Igreja deve ser um lugar onde se recebe a pessoa em sua integralidade. A acolhida é um preceito baseado no evangelho e deve testemunhar a própria Palavra encarnada na alteridade (BAGGIO, 2018, p. 107-108).

A pastoral do migrante deve encarnar esta árdua tarefa, temos que conhecer a realidade daquele que é acolhido, temos que nos inculturar em suas vidas com visitas, escutas, compreensão. Esse processo de “*feed back*”, podemos chama-lo de inter-inculturação. Isso demanda tempo, mas gera laços que são verdadeiros, que são duradouros. É uma decisão contracultural, tendo em vista a cultura do descarte e do imediato, mas é uma decisão que nos leva a viver a nossa humanidade e a do outro com mais dignidade.

Esta ótica nos convida a decifrar a realidade desde a perspectiva da vítima, desde o próximo com o qual nos encontramos (FRANCISCO, 2013). O fenômeno da migração implica a Igreja toda, um colocar-se no lugar do outro. Este colocar-se é muito fácil de expressar, mas muito difícil de viver.

Para dar o primeiro passo, devemos tentar nos aproximar da realidade do migrante. Estes são pessoas que tinham uma vida inserida numa cultura, raça, religião. Essa bagagem densa, elas a receberam de outros e configurou seu jeito na existência. Elas herdaram tudo isso como produto de uma história, aquela que formou e escreveu sua identidade. História que permanece inscrita em seu chão e configura seu ser. Quando sai de sua terra, o migrante fica só com sua vida, mas carregando sua cultura e sua história nas costas. Ele precisa se mudar da



terra que já não lhe pertence mais. Deve encontrar um novo chão, outro local para se reencontrar, para refazer sua identidade numa terra que de imediato é estranha.

Nesse sentido, devemos aprender a acompanhar esse novo recomeçar, que precisa de paciência e tempo. Este é o desafio que nos coloca o Senhor na terra que Ele mesmo nos dá. Esta terra nova tem que ser o chão novo onde o migrante se re-identifique, para a senti-la como seu lar. Terra com nova história, que agora faz parte da sua. Terra que não herdou de imediato, mas que pode herdar de mediato. Por isso, devemos ser capazes, como pastoral migratória, como Igreja, de transmitir a história do lugar de acolhida ao migrante, para que permeabilize a sua e, assim, o novo emerja como dom.

Usamos a palavra permeabilizar porque sabemos que precisa de tempo, e isso não é impor. Nesse sentido, o primeiro passo é ouvir a história daquele que chega. Isso é importante por duas razões: num primeiro momento, faz parte do acolher e proteger; num segundo momento, é importante para dar a conhecer estas histórias no novo chão. Com isso, quebra-se algo que, longe de acolher, afasta criminosamente aquele que chega: o preconceito. Isto é promover e integrar. Temos que promover o conhecimento de outras culturas através das diferentes histórias que quebram preconceitos, para que, superando essa fronteira, possamos ajudar na integração daquele que chega.

Desse modo, deixamos claro que a integração não é assimilação, pois a assimilação anula o outro, procurando que este se homogenize ao chão encontrado. A integração está relacionada com o respeito e a aceitação do outro como outro, com sua individualidade que pode promover uma riqueza no encontro heterogêneo, suscitando uma novidade na realidade. Ouvir isso nos abre ao mistério de conhecer a realidade de onde o outro vem, o seu sofrimento, o que está acontecendo. Isso é o que o Papa Francisco nos convida a ser: Igreja em saída; Igreja que sai ao encontro do outro e estabelece com ele uma relação que faz perguntas (MARINUCCI, 2018, p. 89).

Temos assim, na situação de pessoas em deslocamento, duas migrações segundo o evangelho: por um lado, aquele que migra e, por outro, a Igreja que também migra de seu local, uma Igreja em saída para alcançar alguém. A Igreja que se desloca e, como o samaritano, não deixa ao lado do caminho o desconhecido. A Igreja em saída tem interesse por conhecer o rosto do outro, para que esse outro deixe de ser aquele alguém sem nome. Neste ponto podemos falar de uma Igreja em saída que ilumina o rosto do outro para desvelá-



lo, para revelar este Jesus estrangeiro que é abrigado e protegido. “É este um dos apelos maiores que Francisco vem fazendo à comunidade eclesial “estar com eles e ouvir seus dramas” (MARINUCCI, 2018, p. 89).

Podemos dizer então que o fenômeno da mobilidade humana deve deixar de ser visto como um problema, desde o ponto de vista pastoral, para ser vivenciado como um benefício para a própria Igreja, pois ajuda a mesma a sair de sua comodidade para repensar sua práxis pastoral e sua reflexão a esse respeito (BAGGIO, 2018, p. 108). Acolher o outro, fazendo-nos de pontes para oferecer possibilidades de entrada mais amplas nos diferentes países, proteger seus direitos, promover sua humanidade e integrá-los em nossa comunidade, podem ser ações pastorais para tentar fazer, desde onde estamos, e, com aquilo que temos e podemos, uma pastoral mais integral, uma pastoral mais cristã.

Como afirma Francisco, devemos ser facilitadores da graça e não agir como controladores, pois a Igreja, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com sua vida fadigosa (EG, n. 47).

### **Algumas considerações**

O contexto migratório é um fenômeno que toca, praticamente, todo o mundo e toda a humanidade. No caso das migrações forçadas, milhares de pessoas precisam deixar seus lugares de origem, seu lar, sua cultura, sua história, para buscar oportunidades de sobrevivência em uma nova terra. A presença de novos sujeitos, de alguma forma, impacta o diálogo intercultural, seja no sentido de oferecer possibilidades de acolhida e encontros, seja no que diz respeito à intolerância e a rejeição do migrante.

Não podemos ser ingênuos e considerar que as migrações forçadas são sempre oportunidades de novos diálogos. Muitas vezes, esses encontros representam, na verdade, conflitos, carregados de preconceito e xenofobia. Algumas pessoas, fugindo de conflitos e perseguições, ao chegar numa nova terra sofrem outros tipos de resistências e exclusões. Por isso, a pastoral migratória pode oferecer uma contribuição essencial, tanto para superar o problema da intolerância, como para fomentar uma cultura do encontro, da Igreja em saída que, como o samaritano, constrói pontes que superaram fronteiras existenciais.

### **Referências**



ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Global Trends 2016*. 2017. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html>>. Acesso em 8 ago. 2018.

BAGGIO, Marileda. A acolhida do migrante como paradigma da Igreja *semper reformanda*. In: LUSSI, Carmem; MARINUCCI, Roberto. *Migrações, refúgio e comunidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 99-112.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre*. Un desafio para la democracia. Barcelona, Espanha: Paidós, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018*. Vaticano, 2018: Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20170815\\_world-migrants-day-2018.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html)>. Acesso em 22 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. *Visita a Lampedusa. Homilia do Santo Papa Francisco, Campo de Desportos "Arena"*. Vaticano, 2013. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130708\\_omelia-lampedusa.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html)>. Acesso em 22 ago. 2018.

GODOY, Gabriel Gualamo. O que significa reconhecimento da condição de refugiado? In: JUBILUT, Liliana Lyra; Godoy, Gabriel Gualano (orgs.). *Refúgio no Brasil*. Comentários à Lei 9.474/97. São Paulo: Editora Quartier Latin do Brasil, 2017, p. 81-91.

LUSSI, Carmem. Como organizar uma pastoral do migrante e refugiados? Algumas indicações a partir de uma consulta aos agentes de pastoral. In: LUSSI, Carmem; MARINUCCI, Roberto. *Migrações, refúgio e comunidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 11-22.

MARINUCCI, Roberto. Papa Francisco e as migrações. Um novo discernimento para a erradicação do cinismo. In: LUSSI, Carmem; MARINUCCI, Roberto. *Migrações, refúgio e comunidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 87-99.

MILESI, Rosita; MARINUCCI, Roberto. Apontamentos sobre Migrações e Refúgio no Contexto Internacional e Nacional. In: JUBILUT, Liliana Lyra; Godoy, Gabriel Gualano (orgs.). *Refúgio no Brasil*. Comentários à Lei 9.474/97. São Paulo: Editora Quartier Latin do Brasil, 2017, p. 27-40.

SOARES, Alfredo dos Santos. *Migraciones forzosas y las nuevas "categorías" de desplazados internos: problemas y desafíos para el sistema internacional de protección*. Universidad Pontificia Comillas - Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones, 2012.

ONU, Organização das Nações Unidas. *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Genebra, 1951. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1)>. Acesso em 8 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas*. Nova Iorque, 1954. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Refugiados-Asilos-Nacionalidades-e-Ap%C3%A1tridas/convencao-sobre-o-estatuto-dos-apatridas.html>>. Acesso em 8 ago. 2018.